

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Rafaela Faria Vianna

As várias faces da viagem em “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde e *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo Tavares: o entrelaçamento e o distanciamento das trajetórias moderna e pós-moderna

Belo Horizonte
2018

As várias faces da viagem em “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde e *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo Tavares: o entrelaçamento e o distanciamento das trajetórias moderna e pós-moderna

10-Literatura, Imaginários, Estética e Cultura

Faria Vianna, Rafaela; rafaelafvianna@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a questão da viagem em poemas de dois autores portugueses: “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde e *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo Manuel Tavares. Ambos esses autores dialogam de forma explícita com *Os Lusíadas*, de Luís de Camões: epopeia simbólica da viagem iniciática portuguesa, emblema cultural das expedições marítimas. Dessa forma, objetiva-se mostrar o modo como a temática canônica da viagem se desdobra em diferentes sentidos, cujo surgimento se explica pelas divergências de momentos históricos e literários em que esses poetas se inserem: Cesário Verde escreveu no final do século XIX, quando se comemorava o tricentenário da morte de Camões, enquanto Gonçalo - autor contemporâneo - publica atualmente, no século XXI.

Desse modo, o trabalho se concentrará em analisar quatro aspectos que o significante “viagem” adquire no seio desses poemas. Primeiramente, a viagem será analisada no seu sentido canônico, concebida como deslocamento espacial. Em um outro momento, explorar-se-á a viagem do ponto de vista temporal, de modo a avaliar como esses dois poetas trabalham com a memória do passado e a promessa do futuro. A viagem também será pensada como trajetória interna, como um percurso que as personagens efetuam dentro da sua vastidão psicológica. Em última instância, propõe-se ler a viagem no que ela tem de simbólica e literária, ou seja, a partir do modo como os textos analisados se entrelaçam entre si e dialogam com toda uma tradição viajante: a portuguesa. Nesse sentido, objetiva-se analisar o modo como cada uma dessas facetas aparece nos dois textos selecionados, de sorte a descobrir onde as trajetórias moderna e pós-moderna se entrelaçam e onde se distanciam.

Palavras-chave: poesia portuguesa; viagem; contemporaneidade; Gonçalo Tavares; Cesário Verde.

1 INTRODUÇÃO

A temática da viagem é uma constante na literatura, de modo geral, devido à questão fundamentalmente humana que essa experiência representa: confrontar-se com um outro, permitir-se o estranhamento, para descobrir o que é próprio de si. Na literatura portuguesa, esse tema adquire outras significações além da existencial: Portugal deve a sua glória de outrora às expedições marítimas, que levaram ao extremo a prerrogativa de exploração do desconhecido própria à viagem. A obra canônica mais representativa dessa empresa gloriosa é o poema épico *Os Lusíadas*, de Camões.

Inúmeros foram os autores que retomaram essa temática em suas obras, e, em todas elas, há um diálogo – consciente ou não, explícito ou não – com a epopeia camoniana. Neste projeto, propõe-se pensar essa noção da viagem (e suas diferentes facetas) em duas obras nas quais a retomada de Camões é evidente: o poema “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde e o livro *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo Tavares. Sendo esses dois livros que se inserem, proposital e ironicamente, na tradição camoniana, objetiva-se tentar mostrar o modo como a temática canônica da viagem se desdobra em diferentes sentidos, cujo surgimento se explica pelas divergências de momentos históricos e literários em que esses poetas se inserem.

Desse modo, o trabalho se concentrará em analisar quatro aspectos que o significante “viagem” adquire no seio desses poemas. Primeiramente, a viagem será analisada no seu sentido canônico, concebida como deslocamento espacial. Em um outro momento, explorar-se-á a viagem do ponto de vista temporal, de modo a avaliar como esses dois poetas trabalham com a memória do passado e a promessa do futuro. A viagem também será pensada como trajetória interna, como um percurso que as personagens efetuam dentro da sua vastidão psicológica. Em última instância, propõe-se ler a viagem no que ela tem de simbólica e literária, ou seja, a partir do modo como os textos analisados se entrelaçam entre si e dialogam com toda uma tradição viajante: a portuguesa. Nesse sentido, objetiva-se analisar o modo como cada uma dessas facetas aparece nos dois textos selecionados, de sorte a descobrir onde as trajetórias moderna e pós-moderna se entrelaçam e onde se distanciam.

2 OBJETIVOS

Realizar uma leitura da noção de viagem (concebida em diferentes sentidos suscitados por esse significante) em dois poemas que perpassam a cultura portuguesa em

diferentes épocas: “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde; e *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo Tavares. Busca-se, assim, contribuir para reflexões sobre a temática da viagem na literatura portuguesa, bem como traçar uma relação entre ambos esses textos e o poema-fundador dessa cultura de viajantes: *Os Lusíadas*. Por fim, objetiva-se comparar as representações da viagem em diferentes momentos históricos e literários, de modo a estabelecer uma relação entre a forma como essa temática é abordada e o contexto em que os poemas estão inseridos.

3 METODOLOGIA

Para cumprir os objetivos propostos, realizaremos leituras e fichamentos de bibliografia que se relaciona à cultura portuguesa e à representação da viagem no seio dessa. Além disso, estudaremos a fortuna crítica dos autores cujos textos serão analisados, ou seja, Camões, Cesário Verde e Gonçalo M Tavares.

Ademais, faremos uma pesquisa sobre a história e a cultura portuguesas de forma geral, uma vez que consideramos que a questão da viagem perpassa todo o imaginário dessa nação e, para apreendê-lo de forma satisfatória, é preciso compreender o contexto histórico, social e político de Portugal. Assim, apesar de o presente trabalho ter como foco a literatura, é inevitável considerar outros aspectos da cultura portuguesa, afinal, a poesia nunca se dissocia completamente do contexto em que é produzida e apresenta-se como uma lente estética a partir da qual é possível perceber a sociedade de uma outra forma.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisemos, primeiramente, a noção da viagem do ponto de vista espacial nos poemas em questão. Em “O Sentimento dum Ocidental”, acompanhamos o narrador em sua perambulação noturna pela cidade de Lisboa. Essa voz poética não se coloca na posição de um estrangeiro ou de um turista, logo, nada parece indicar que esse significante pode dizer algo de sua trajetória. Todavia, mesmo em um trajeto na cidade natal, Cesário parece mergulhar nas possibilidades de viagem que se lhe apresentam: a espacial, a temporal, a psicológica e a literária. Mas o que pode ocupar o lugar do desconhecido e do estranhamento próprio à viagem em uma trajetória em meio a familiares ruas?

Com sua “luneta de uma lente só”, um lisboeta registra, com perplexidade, a decadência de uma cidade outrora grande. Nesse sentido, a voz poética que Cesário põe

em cena parece se distanciar dos “outros”, seus contemporâneos, como se assumisse um olhar estrangeiro (mas não um estrangeiro de um outro sítio, antes um de uma outra época). Assim, apesar de ser Bloom (o protagonista de *Uma Viagem à Índia*) que efetivamente sai de Portugal para visitar outros países, é em “O Sentimento Dum Ocidental” que ecoa uma voz cheia de estranhamento, a qual se situa em uma posição de distância em relação aos lisboetas do século XIX. Bloom, por outro lado, reforça, constantemente, a indiferença dos lugares e – principalmente – “da infâmia humana”. Dessa forma, em sua viagem, Bloom jamais se surpreende: e como fazê-lo, em uma época em que tudo já foi descoberto, conquistado, fotografado e disponibilizado em aparelhos ao alcance de nossas mãos?

O mundo é redondo, mas todos os lados são iguais.
Os homens têm fome e adversários,
e outros têm prestígio e amigos e, nesta divisão rude,
encontrarás semelhanças evidentes
com a velha Europa, a Ásia, as Américas,
África, e com todos os continentes onde existem
seres vivos. (...) (Tavares, 2010, p. 300)

Não há como se aventurar em viagens, no âmbito da cultura portuguesa, sem pensar em uma conotação essencialmente temporal desse significante. Viajar, para os escritores portugueses, sempre foi também rememorar, e, nesse percurso temporal, se deparar com o livro que Eduardo Lourenço chamou de “a ficção da nossa intrínseca e gloriosa ficção” :

Os *Lusíadas* incorporaram-se à substância cultural e espiritual da nossa existência, vivem dela como nós viveremos deles e também de algum modo com ela vão mudando de figura e significação sem perder o carácter de espelho onde pela primeira vez, e de corpo inteiro, a consciência nacional apareceu com um fulgor e uma presença que são ainda para nós uma nostalgia. Cada grande poeta e criador remodela sem cessar essa mesma imagem, cada um é dela supremamente garantia e fiador. (Lourenço, p. 20, 1991)

Analisemos, pois, o modo como esses escritores lidam com a memória desse “espelho” literário e como eles remodelam a sua imagem. A voz poética de “O Sentimento Dum Ocidental” assiste às comemorações do tricentenário de Camões de forma desdenhosa, não por uma espécie de iconoclastia ou espírito de ruptura, mas por lamentar que ele ocupe, no imaginário português, “condição gasosa de épico doutrora” (Borges, p. 68., 2011) “Ao, supostamente, negar a épica, Cesário dessacraliza a comemoração, e não a importância de Camões” (Borges, p. 68., 2011). O narrador do poema contempla, com amargura, a paradoxal imagem da presença de Camões “num recinto público e vulgar”, próximo das “exíguas pimenteiras”, resquícios decadentes da empresa conquistadora.

Apesar desse olhar crítico e, sobretudo, melancólico ao qual Cesário dá voz, há ainda uma certa esperança de um futuro grandioso. Essa crença na “raça ruiva do porvir” é orientada a partir de uma revivência da glória passada, obsessivamente recuperada no âmbito da cultura portuguesa, como o coloca Eduardo Lourenço:

Tornou-se então claro que a consciência nacional (nos que a podiam ter) que a nossa razão de ser, a raiz de toda a esperança, era o termos sido. E dessa ex-vida são *Os Lusíadas* a prova de fogo. O viver nacional que fora quase sempre viver sobressaltado, inquieto, mas confiado e confiante na sua estrela, fiando a sua teia da força do presente, orienta-se nessa época para um futuro de antemão utópico pela mediação primordial, obsessiva, do passado. Descontentes com o presente, mortos como existência nacional imediata, nós começamos a sonhar simultaneamente o futuro e o passado. (Lourenço, 1991, p. 20)

Portanto, ao mesmo tempo que põe em xeque o discurso, em voga na modernidade, de crença cega no progresso (mostrando o seu revés, a miséria e a decadência que o compõem), Cesário volta-se nostalgicamente ao momento da conquista, à retomada das “soberbas naus”: “Nós vamos explorar todos os continentes, E pelas vastidões aquáticas seguir!”. Vale ressaltar nesse trecho, o “uso enfático do pronome nós” (Macedo, 1935, p. 253), que indica um projeto de futuro necessariamente coletivo. Assim, apesar de desdenhar os seus contemporâneos, o narrador do poema projeta a esperança de uma integração nacional: “o anseio de liberdade (...) é transformado num programa de acção cujo carácter necessariamente colectivo é acentuado pelo uso enfático do pronome ‘nós’.” (Macedo, 1935, p. 253)

Em *Uma Viagem à Índia*, por outro lado, não há “nós” possível. A começar, Bloom é, antes de português, europeu. É esse o retrato do homem contemporâneo médio que Gonçalo Tavares pretende traçar: sem coletividade, ele se insere em uma categoria genérica, que não tem a conotação nacionalista e histórica de se dizer português. No canto III, em vez de contar a história de Portugal, Bloom narra a da sua família e dedica à descrição da pátria sucintos três versos: “Não é grande nem é enorme mas é simpático, este país. Dois lados dão para a terra, dois lados para o mar. E assim a coisa quase dá certo” (Tavares, 2010, p. 122)

Essa descrição anti-épica de Portugal não menciona nem mesmo o seu nome, como se esse fosse muito pesado de identidade e de história, como se dizê-lo fosse já se inserir em um discurso de pertencimento que não cabe a esse homem europeu. Além disso, aqui, Portugal é definido pela sua pequenez (nem grande nem enorme): a característica que tanto foi mascarada durante a história dessa nação que se lançou ao mar para conquistar “espaços compensatórios” (Lourenço, 1991, p. 41) e se poupar o contato com a dolorosa

chaga da insignificância territorial. Ademais, há uma retomada irônica da descrição camoniana, que também faz referência à posição limítrofe de Portugal, entre terra e mar:

Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.(...) (Camões, 2014, p. 128)

É também paradoxal o modo como Gonçalo lida com a memória em seu itinerário: elemento essencial d'*Os Lusíadas* – o meio através do qual o Poeta pretende immortalizar os grandes feitos de uma nação que já começa a dar indícios de sua decadência futura – é rejeitada pelo protagonista da epopeia contemporânea. Nada mais contraditório, porém, para um português (que evita se assumir como tal) do que buscar esquecimento no seio de uma trajetória à Índia, durante a qual os séculos passados o acompanham, inevitavelmente. Tentando escapar da sua condição essencialmente nacional, e afirmando-se como europeu, Bloom repete, contudo, essa trajetória tão absurdamente portuguesa da busca de “Um Oriente ao oriente do Oriente”, que ele, inevitavelmente, não encontra.

Em ambos os textos, o sentimento que predomina é a melancolia. Todavia, eles diferem pela crença ou não em uma possibilidade de fuga. Embora assuma um olhar crítico e desesperançoso em relação ao presente que o cerca, a voz poética de “O Sentimento dum Ocidental” encontra refúgio no desejo de transmigrar. Esse transmigrar acontece no plano temporal, na alternância entre a nostalgia do passado glorioso e a esperança de um futuro promissor; no espacial, quando, virando as costas para o mar, o narrador se volta a um sonho de Europa – “Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!” (Verde, 1987, p. 25) – ; e no introspectivo, visto que a trajetória desse eu de não é apenas descrição objetiva, mas também exploração do sentimento do eu lírico.

Na contemporaneidade, todavia, não é mais possível pensar o futuro como uma extensão onírica de um passado glorioso, como o ressalta Gonçalo em diversos trechos amargamente irônicos da sua obra, sobretudo quando ele faz referência ao poder da natureza. No contexto pós-moderno, o homem olha com desconfiança para as ideias de progresso (descrente nas possibilidades de avanço tecnológico, cujas consequências ambientais drásticas ele vê se aproximando); para a humanidade em si mesma (desde os acontecimentos ainda inefáveis do século XX) e para a saída religiosa (cada vez mais negligenciada, em uma cultura que já aceitou a morte de Deus).

A sensação de claustrofobia e melancolia causada pela cidade e pelo avanço técnico desenfreado já era pressentida por Cesário, que – na contramão dos seus contemporâneos, ainda deslumbrados com a ideia de progresso, – vê na cinzenta Lisboa uma fonte de nojo, inquietação e desalento:

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se numa cor monótona e londrina. (Verde, 1987, p. 25)

Esse sentimento permanece na epopeia contemporânea:

As flores são mais móveis na cidade
do que na floresta: o vento provocado
pelo trânsito intenso não as deixa
sossegar. Só não se mata
por acasos do caminho: a vontade existe,
as armas são vendidas a preços comidos
e duas balas chegam para quem não tem pontaria.
A cidade é uma infelicidade organizada. (Tavares, 2010, p. 331)

Todavia, essa melancolia sentida em relação ao presente monótono das cidades é potencializado, na epopeia contemporânea, por uma angústia absoluta em relação ao futuro. O único porvir que Gonçalo projeta é a catástrofe ambiental: não no sentido de um retorno nostálgico a um estado natural não corrompido ou de um pedido panfletário de ajuda em nome da natureza, mas da constatação da assimetria absoluta de poder na relação entre ela e o homem. Dessa consciência da nossa miudeza em relação aos fenômenos que nos cercam, surge o que parece ser a única certeza desse livro: a de que, incontrolláveis, eles ainda nos massacrarão. Essa fatalidade do destino humano seria sentida desesperadamente, não estivesse revestida da ironia indiferente a partir da qual o narrador do poema enxerga o mundo:

Há muito o homem entortou a Natureza.
Porque o homem pensa a Natureza como se esta
fosse uma mesa a que pode cortar uma das pernas
para a endireitar.
Mas a paisagem não é uma coisa
que possa ser corrigida por cidadãos
bem equipados, a paisagem é que te corrige.
É a terra que te come, e não
o inverso. (Tavares, 2010, p. 126-127)

Analisadas essas viagens como espaciais e temporais, falta pensar no ponto de vista da viagem introspectiva que é traçada nos poemas em questão. Como já foi mencionado, em “O Sentimento Dum Ocidental”, o desejo de transmigrar se dá também no plano da reflexão interior, como uma fuga para dentro de si:

(...) esse sujeito, é bastante claro, mostra a si mesmo, projetando seus sentimentos, suas percepções, sobre o corpo da cidade que observa, reprojando esse corpo da cidade em seus sentimentos, internalizando-o, para que, assim, se constitua como sujeito na paisagem do poema: “E eu sonho o Cólera, imagino a Febre, / Nesta

acumulação de corpos enfezados; / Sombrios e espectrais recolhem os soldados; / Inflama-se um palácio em face de um casebre.”; “Triste cidade! Eu temo que me avives / Uma paixão defunta! (...)”; “E saio. A noite pesa, esmaga. Nos / Passeios de lajedo arrastam-se as impuras. / Ó moles hospitais! Sai das embocaduras / Um sopro que arripia os ombros quase nus. (Queiróz, 2008, p. 66)

Esse caráter introspectivo do poema pode ser pensado tanto no plano individual quanto no nacional. Ao virar as costas para o mar e para os “espaços compensatórios” que tanto serviram como fuga para um Portugal que não queria encarar a si mesmo, Cesário se aventura na viagem mais arriscada: aquela que se faz ao interior mesmo da nação: “Chegou a hora de fugir para dentro de casa, de nos barricarmos dentro dela, de construir com constância o país habitável de todos, sem esperar de um eterno lá-fora ou lá-longe a solução que como no apólogo célebre está enterrada no nosso exíguo quintal.” (Lourenço, 1991, p. 47)

Essa volta ao interior não se dá, contudo, sem contradição. Afinal, ainda olha-se para o lá-longe da vastidão marítima com nostalgia e ambição, e “os que se vão” nas vias férreas explorar a Europa são mais felizes do que os que ficam, encarcerados, nessa Lisboa pintada como “prisão labiríntica e infernal” (Macedo, 1935, p. 254):

Também em *Uma Viagem à Índia* a dimensão propriamente interna da trajetória de Bloom é bastante presente. Inúmeras são as “interrupções” que o narrador impõe ao fluxo da história, para propor reflexões (não raro em forma de axiomas). Todavia, o refúgio no pensamento e na reflexão introspectiva não são mais efetivos do que a exploração de outros sítios. Externo ou interno, o percurso de Bloom em busca de sabedoria e esquecimento parecem indicar somente a certeza (já pressentida) do seu fracasso. E assim Gonçalo constrói o que Lourenço chamou de “contra-epopeia”: “ao mesmo tempo luminosa, paródica e burlesca, de um herói de tudo como nada que subverte todas as versões épicas da Viagem que inventamos e que é sempre, ao fim e ao cabo, a não-viagem que nós próprios somos.” (Lourenço, 2010, p. 11). Para Bloom, não há, pois, para onde transmigrar, e a única sabedoria que ele adquire em sua trajetória é a consciência disso:

Partindo como Gama de Lisboa, e diferindo o mais que pode e sabe, como Ulisses, não o regresso, mas o ‘fim’ da Viagem, Bloom, o seu tão célebre e literário herói, não contemplará (como a humanidade inteira) a face de Deus ou as pegadas de Deus, que no espelho da Índia imaginava contemplar. Mas não volverá o mesmo. Agora sabe o que já pressentia. Que não viajamos para nenhum paraíso. Que todas as viagens são sempre um regresso ao passado de onde nunca saímos. (Lourenço, 2010, p. 11)

Por fim, cabe pensarmos na dimensão literária das trajetórias das vozes poéticas desses textos. Esse aspecto perpassa todos os outros anteriormente analisados, afinal, o imaginário literário de Portugal é o ponto em que se fundem deslocamento espacial, temporal e psicológico. A viagem, na cultura portuguesa, é sempre uma (re) viagem, uma retomada não só da epopeia camoniana, mas de todas as outras vozes literárias que – relendo-a – aventuraram-se nessa trajetória por dentro da linguagem simbólica que fundou uma cultura. Assim, cabe uma breve reflexão sobre como a literatura contemporânea (aqui representada por *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M Tavares) relê as tradições e, por meio delas, busca uma poesia atemporal, que figuraria entre os grandes nomes de sua cultura:

(...) a verdade, é que continuamos a ter poetas como Camões e Cesário Verde, por exemplo, muito presentes na nossa poesia mais recente. Talvez seja um sintoma de que a nossa poesia mais jovem sabe que o *absolument moderne* (de Rimbaud) convive bem com a «massa em movimento» que são os clássicos e nela procura extrair o eterno do transitório. (Costa, 2015, p. 224)

Logo no início de seu poema, Cesário evoca a grandeza literária do passado. Todavia, ele o faz não em um movimento puramente nostálgico de admiração do que foi, visto que pretende também integrar-se nessa constelação cultural: “Cesário Verde vai transformar, nesse poema, a Lisboa oitocentista concreta, sensível, em sua inscrição na poesia portuguesa; poesia, indubitavelmente, para todos os tempos, intemporal.” (Queiróz, 2008, p. 67) A retomada dos clássicos serve, pois, à busca do atemporal: voltando-se a uma literatura cristalizada e infinitamente bela, o poeta busca “um livro que exacerbe” (Verde, 1987, p. 27).

Evidentemente, a relação com o clássico – embora seja marcada pelo encantamento – não é sem contradições. Ao retomar o livro-mito, os poetas também despem-lhe de seu caráter intocável e o transformam de novo em matéria poética viva, contemporânea. “A irreverência lúdica faz o definido mitificador d’*Os Lusíadas* (1572) e d’a viagem de Vasco da Gama ceder ao indefinido banalizador: *Uma Viagem à Índia*.” (Rita, 2011, p. 13)

Também Cesário faz uso desse jogo de indefinição ao se referir à epopeia camoniana:

E evoco, então, as crônicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais! (Verde, 1987, p. 25)

Embarcados nessa viagem literária, Cesário Verde e Gonçalo M Tavares recuperam o que há de atemporal na poesia portuguesa, buscando, por meio dela, uma arte que seja também permanente:

De facto, um verso contemporâneo está mais longe
do primeiro verso do mundo
e as distâncias são assim: inequívocas e objectivas.
Porém, Bloom tem pressa e quer atrasar-se;
está com medo de ter tanta coragem! (Tavares, 2010, p. 199)

Esses poetas ousam desafiar a assustadora distância que os separa dos clássicos, diminuindo-la, através do seu próprio exercício poético. Arriscando “atrasar-se”, eles prosseguem nessa viagem pelo imaginário simbólico de Portugal, compondo, por fim, poemas que cantam um sentimento universal.

5 CONCLUSÃO

Gonçalo e Cesário constroem, pois, nesses poemas, múltiplas viagens no seio de uma cultura cujo imaginário se construiu a partir desse permanente deslocamento. Assim, revisitando sítios e palavras que compõem essa tradição, esses poetas reconstróem – à sua maneira e à maneira do seu contexto histórico e literário – o significado da viagem portuguesa. Nessa trajetória estética, eles convivem com a imagem do livro-mito da grandeza de outrora, de forma paradoxal, mas também harmoniosa. O objetivo deste projeto que começa a se desenvolver é pensar em como essas trajetórias se aproximam e se distanciam entre si, e, sobretudo, como elas se articulam no imaginário literário dessa cultura de viajantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, F. A. (2017) *Uma Viagem à Índia*: o revés humano experimentado pelo personagem Bloom. In: *Tamanha Poesia*, v. 2, n. 4, pp. 29-43.

Alves, S. H. F. (2017) Bloom, um esboço de personalidade. In: *Tamanha Poesia*, v. 2, n. 4, pp. 72-79.

Borges, T. (2011) Modernidade e razão crítica em Cesário Verde. In: *Revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL)*, v. 7, n. 10.

Brito, S. B. S. (2014) Algumas notas sobre o processo criativo de Gonçalo M. Tavares. In: *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 10, n. 1.

Brito, S. B. S. (2015) de. *O reino* de Gonçalo M. Tavares e a voz dos silenciados no espaço da guerra. In: *Grau Zero: revista de crítica cultural*. Bahia, v. 3, n. 1, pp. 244-258.

Bueno, K. A. (2013). Contratempos durante a viagem à Índia, com Gonçalo M. Tavares. In: *Nau Literária*, v. 9, n.º 1.

Cintra, S. M. (2009) Relações espaciotemporais na obra de Cesário Verde: fragmentação e busca de totalidade. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Coelho, J. P. (1961) Um clássico da modernidade: Cesário Verde. In: *Problemática da História Literária*. Lisboa: Ática.

Corga, P. (2013) Uma Viagem à Índia, de Gonçalo M. Tavares: uma cartografia camoniana ou um itinerário contemporâneo? In: ÁLVARES, Ana Cristina; CURADO, Ana Lúcia; SOUSA, Sérgio Paulo Guimarães de (Org). *O imaginário das viagens: literatura, cinema, banda desenhada*. Braga: Edições Húmus.

Costa, E. G. (2010) O mundo em ruínas: as zonas cinzentas na escrita de Gonçalo Tavares. In: *Kalíope*, São Paulo, ano 6, n. 12, pp. 101-106.

Costa, P. C. (2015) O clássico e contemporâneo, hoje, em alguma poesia portuguesa contemporânea. In: *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 7, n.º 15, 2.º sem.

Cunha, A. L. (2017). Desterritorializar para recontextualizar: *Uma Viagem à Índia* de Gonçalo M. Tavares como exercício de reflexão da errância do povo português a partir da paródia de Os Lusíadas. In: *Tamanha Poesia*, v. 2, n. 4, pp. 13-28.

Cunha, C. (1957) *Cesário: poeta moderno*. Braga: Livraria Cruz.

Dutra, I. (2014) Portugal sumiu do mapa!: do labirintismo em Gonçalo M. Tavares. In: *Navegações*, v. 7, n. 2, pp. 165-174, jul.-dez.

Espínola, P. R. (2015) A materialidade poética de Gonçalo M. Tavares. In: *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 7, n.º 15.

Fonseca, M. P. (2017) No poema, a ilusão da fórmula: reflexões sobre a linguagem no Canto I de *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares. In: *Tamanha Poesia*, v. 2, n. 4, pp. 44-57.

Jorge, S. R. (2000) Portugal e a imagem do império: os (des)caminhos de uma identidade. In: *Boletim do CESP*, v. 20, n. 26, jan./jun.

Lopes, S. R. L. (1990) Como quem escreve com sentimentos. Uma leitura de 'O Sentimento Dum Ocidental', de Cesário Verde". In: *Aprendizagem do Incerto*. Lisboa: Litoral Edições.

Lourenço, E. (1991) *O Labirinto da Saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 4ªed.

Lourenço, E. (2010) Uma viagem ao coração do caos. In: TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea*. São Paulo: Leya, pp. 9-16.

Macedo, H. (1935) *Nós: uma leitura de Cesário Verde*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Portugueses, UFMG.

Maffei, L. (2011) Gonçalo M. Tavares, uma viagem ao valor com Camões ao fundo e alguns problemas contemporâneos. In: *Via Atlântica*, nº 20.

Meneses, P. (2015) Depois da epopeia: ironia e desencanto n'Uma viagem à Índia de Gonçalo M. Tavares. In: ÁLVARES, Cristina; CURADO, Ana Lúcia; SOUSA, Sérgio Guimarães de. (Org.). *Figuras do idiota: Literatura Cinema Banda Desenhada*. Famalicão: Húmus. pp.227-239.

Neves, M. S. (2014) Corpus mobile: uma descida aos confins do humano com Gonçalo M. Tavares. In: *Navegações*, v. 7, n. 2, pp. 158-164.

Pimentel, D. (2013) Labirintos e fronteiras do espaço no tempo: Deriva em torno de *O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares. In: ÁLVARES, Ana Cristina; CURADO, Ana Lúcia; SOUSA, Sérgio Paulo Guimarães de (Org). *O imaginário das viagens: literatura, cinema, banda desenhada*. Braga: Edições Húmus.

Queiróz, D. M. (2008) A poética de Cesário Verde: “andar por entre as gentes”. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Rita, A. (2011) De Homero a Teolinda Gersão e a Gonçalo M. Tavares: odisseia em transformação In: *Revista Graphos*, v. 13, n. 2.

Rosa, S. (2010) Cesário Verde ou o poema sem assunto. 2010. Tese (Doutorado). Universidade de Lisboa, Lisboa.

Saraiva, A. J. (1997) A esquina do século: Cesário Verde. In: *Iniciação à literatura portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Gradiva.

Silva, T. M (2010). O poder é inimigo dos versos: ironia e distopia em Uma Viagem à Índia, de Gonçalo M Tavares. In: *TriceVersa*, Assis, v.4, n.1.

Silva, T. C. C. (1999) De viagens e viajantes: Camões, Garrett e Saramago. In: *Boletim do CESP*, v. 19, n. 24.

Tavares, G. M. (2010) *Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea*. São Paulo: Leya.

Vaz, P. R. F. M. (2014) Uma Viagem à Índia: antiepopéia e paródia. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.

Verde, C. (1987) *Poesias Completas de Cesário Verde*. Rio de Janeiro : Ediouro.

Ozawa, A. Y. (2017) Cesário Verde: o guardador do efêmero. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.